

# «...Falta cumprir-se Portugal.»

« .....  
*Cumpriu-se o Mar, e o Império desfez-se.*  
*...falta cumprir-se Portugal.»*

(*Fernando Pessoa, na Mensagem.*)

## 1 — Retrato do português

Se formos à certidão de nascimento de um povo, é raro que ela dê conta de um nascimento calmo, juridicamente impecável, a coberto de todas as críticas. As nações nascem como lhes é possível. Honestamente, às vezes. Mesmo desonestamente, se for necessário. Deus não é perdido nem achado na formação territorial, étnica, religiosa, política, social dos povos. Geralmente nascem por um acto de violência — aqui e agora heterodoxo, mas já ortodoxo no dia seguinte. Sobradas razões assistiam a Herculano, para dizer, como historiador e cidadão português:

*«Qual a nação que não vai buscar o seu berço a uma violência ou a uma ilegalidade? Somos independentes porque o queremos ser: eis a razão absoluta, incontestável da nossa individualidade nacional»* (1).

A regra é os territórios nacionais serem traçados, nas suas fronteiras, a golpes de espada. Os países não nascem feitinhos em geografia e etnia. Não como Deus quer, mas como os homens o querem. Deus deu-lhes o Mundo, e foi como se, logo a seguir, lhes dissesse: agora dividam-no como vos aprouver. Dei-vos a fazenda: peguem agora da tesoura e cortem à vossa medida.

---

(1) Citado em J. M. Moreira de Campos, *Ponto de partida*, págs. 37-38, Lisboa, 1965.

O Português é, acima de tudo, individualista. Mas de um individualismo caprichoso. Carece de personalidade bem marcada, vertebrada, amassada em autodomínio. O seu perfil psicológico é ondulante e diverso, cata-vento, ao sabor de mil influências, agora com rompantes de leão, e logo com saídas de sendeiro.

A regra, nele, é situar-se na oposição, só porque é oposição. A sua guerra ao que está nada tem de construtiva. As suas heresias são superficiais. Não deitam raízes para planos bem amadurecidos, planos de princípio, meio e fim. Carecem de sólidos alicerces. Morrem, geralmente, na casca. Não passam de sonhos vagos. Falta-lhes estrutura bem travejada. Castelos no ar.

Se temos, aí, no planeta, homem que viva do puro formalismo burocrático é o Português. Entende a lei por fora, não lhe alcança o espírito. Ou, se lho alcança, torpedeia-o, para servir os amigos, e para prejudicar aqueles com quem não simpatiza. Diz, para fora, que a lei é igual para todos. Mas diz, para dentro, que é uma teia de aranha, para os amigos, se ela for proibitiva, mas invulnerável muralha, para os inimigos.

Não peçam ao Português pensamento filosófico. As ideias em extensão, profundidade e altura, não têm a sua simpatia. O filósofo tem, na sua boca, um sentido quase pejorativo. O ideário do Português é rasteirinho, de feição marcadamente pragmática. As verdades, para ele, valem pelo que lhe é imediatamente útil. As ideias de toada platonica, arquetípicas, são, para ele, chocolate lírico. Quer a ideia-bife-em-sangue, cortável à faca, que se possa desentranhar em resultados práticos. Fora deste perímetro, tudo lhe parece névoa, decabelada abstracção, e é no concreto — concretíssimo! — que ele vota. Tudo o mais lhe parece fátuo sopro de voz.

Se tem de falar ou escrever, tem a fobia da linguagem pedestre. Faz retórica. Assume ares enfáticos.

O Português está muito longe de possuir espírito crítico — aquele sem o qual não há ciência, filosofia, progresso intelectual —, mas sobra-lhe espírito de «crítica», no que esta palavra tem de maliciosa e trocista, de pungente ironia. Ele, que tem medo do ridículo, possui, como poucos povos, o jeito de ridicularizar, de inventar e contar anedotas (sórdidas) que, num relâmpago caricatural, dão a «parte fraca» de um figurão, de uma ideia, de uma instituição, de uma situação, de um projecto, de um governo, de um partido político.

O Português, embora latino, não é exuberante na alegria. A alegria tem, nele, muito de postiça. É uma alegria (passe o paradoxo) laivada de tristeza. Falta-lhe exuberância, ruído, rataplã, comunicabilidade irresistível, espontaneidade. Por temperamento (ou talvez por influências religiosas) receia parecer ridículo ao olhos das pessoas graves. «Que diriam, se me surpreendessem fora de mim, amalucado, não sabendo o que seja a compostura, a justa medida?». Propende um tanto para a seriedade acaciana, para a falsa solenidade, para o «bem educado». É um inibido em expansões emotivas, excepto naquelas em que seja necessária a solidariedade. Então o coração lhe vem à boca, e a mão se estende dadivosa. Não lhe falta abnegação, espírito de sacrifício, coragem, desprendimento, quando surge uma catástrofe colectiva. Então se esquece do seu egoísmo, e se dá por inteiro, sem reservas, sem reticências. Bom como o bom pão.

Mas fora dessas situações de comover as próprias pedras da calçada, só acua na clave do sonho e da glória. Narcisa-se. Quer que dele fique fama — ainda mesmo que sem proveito material.

O Português tem muito de franciscano, dado o seu amor à Natureza. Delicia-se na contemplação telúrica. Sente-se poeta, diante do marulho do oceano, do murmurar dos rios e regatos, da altivez da montanha, da lonjura de horizontes da planície, da seara ondulante, da floresta rumorejante. Não lhe desagrada a solidão, que nele assume, por vezes, o cariz místico. A vida conventual que, outrora, fez, tem que ver com esse pendor contemplativo, que o faz propender para uma visão de Deus panteísta, transfundido, esparso, presente (flagrantemente ostensivo) na sua Obra.

O Português não é homem rígido, inflexível, intolerante. Sobra-lhe maleabilidade para se adaptar a novos convívios (provou-o na época da colonização), a novas ideias (ainda que só pela rama — nada aprofunda, satisfaz-se com as aparências de que se actualizou, quando apenas macaqueou), a novos costumes (sobretudo quando estrangeirados, com o que pretende passar por «estar em dia com o que se vê lá fora»), o que lhe dá um jeito de pau para toda a colher, seu quê de indefinido, nem cá, nem lá, antes pelo contrário... Sofre de xenomania. Julgaria os seus pergaminhos borrados, se não simulasse de europeizado, no que esta palavra tem de mais fútil, mais periférico. A europeização profunda fica-lhe curta nas mangas, em ciência, em filosofia, em arte. Afinal, em cultura, no que esta palavra tem de arejado, construtivo, de larga mundividência. Fica-se nas formas exterior-

res. Não assimila as medulas, o espírito, o *primum movens*, as raízes mestras. Passarinha de ramo em ramo, dá os seus tímidos pios, e logo se recolhe ao simplório.

O Português tem particular simpatia pelos actos de rataplã. Aos feitos heróicos de grande ressonância não nega o seu contributo. Deles espera a projecção do seu nome na posteridade. Mas, se lhe pedem o cumprimento de elementares deveres, os deveres do quotidiano, franze o nariz, deixa escorrer os braços ao longo do corpo, e tudo porque daí não lhe vem renome. A glória é seu tema... e teima.

Mas como os efeitos de grande ressonância não são de todos os dias, muito pelo contrário, ei-lo murcho, se, *apenas*, lhe pedem que se mostre competente e eficiente no exercício da sua profissão, no trabalho da produtividade séria, que vale pela quantidade e pela qualidade.

Uma actividade desse tipo não dá nas vistas, e brilhar ou não brilhar é o que está a carácter do Português. Ele, que só tem razões para ser modesto e discreto, enamora-se do luxo, do espanto, do deslumbramento. Não quer que o tomem por qualquer trapilho. A pompa — no vestuário, nas jóias, na habitação, no mobiliário — constitui a sua obsessão. E, afinal, depois de pretender passar por grande senhor, é, por junto, um possidónio. A ostentação fica-lhe curta nas mangas. Quer ser solene, e é apenas ridículo. Por amor da sala de visitas, descara os demais compartimentos da sua casa. Sacrifica as essências às aparências. É pela complexidade, contra o simples, o operacional, o expedito.

Se tem de falar ou escrever, está sempre a puxar a corda do sino grande da ênfase. É barroco. Crente de que a concisão é pobreza, cai na prolixidade, convencido de que esta é riqueza. Fingir de rico, em todas as emergências, é o seu propósito. Supõe — o ingénuo! — que tudo que luz é ouro. E como lhe falta ouro, substitui-o por latão amarelo, que custa pouco e, afinal, talvez sobreleve o ouro, em brilho.

O Português é um sonhador e, como homem de acção, tudo deixa a meio, nada conclui, ou, se conclui, fá-lo às três pancadas, atamancando o que devia ter sido feito com persistência e, sobretudo, competência. Sofre — sempre sofreu — de improvisarite aguda, «meia-bola e força!», o pouco mais ou menos, e este mesmo fora de horas, porque o seu peculiar jeito é adiar. O verbo adiar ele o conjuga em todos os tempos, modos e pessoas.

O Português não é homem para obra calculada *more geométrico*, friamente, racionalmente. Isso lhe parece coisa de quem não tem coração, de quem carece de idealismo, e, afinal, de sonho. É muito mais no clima do sonho, do que no da reflexão profunda, que ele gosta de viver. É a emoção que lhe dá o pontapé de saída. É a imaginação romântica que lhe faz as despesas de conversa, e, depois, quando a realidade lhe chega, trombuda, insuperável, cai-lhe o monco, provisoriamente, para outra vez se guindar a novos sonhos, novas cavalhadas da imaginação.

Vai, em tudo isso, muita bondade, muita humanidade, mas logo verifica que, afinal, a mazela de todos os seus malogros está na preguiça, na falta de persistência, no imprevisto e todas as partes adjacentes a esses defeitos, que nos parecem de raiz, e não sabemos dizer se imediáveis. Oito séculos de história geralmente falhada (abrimos exceção para a empresa científica dos descobrimentos, aliás, logo seguida de atroz decadência económica, moral e social), como que nos autorizam a fazer o diagnóstico de que não temos conserto, e um prognóstico que não será, talvez, mais risonho.

## 2 — De resignação é a nossa filosofia

De metafórico nada tem o dizer-se que Portugal deu novos mundos ao Mundo. Com efeito, a nível planetário, nenhum povo, desde sempre, até hoje, realizou gesta que se lhe possa comparar. Nunca tão poucos fizeram tanto. Foi Portugal quem abriu à Europa a perspectiva ecuménica mais larga, mais ressonante, não só do ponto de vista económico, mas, outrossim, cultural.

Atenção às palavras do Prof. Joaquim de Carvalho, relativamente à Renascença:

*«...Este intenso movimento, começando por ser, nos séculos XIV e XV, um acontecimento italiano, tornou-se no século XVI um facto europeu e uma das origens da Europa moderna. Portugal ofereceu então à curiosidade ilimitada do século e à irradiação da civilização europeia fronteiras desconhecidas e novos métodos de conquista da Terra e como pode escrever (1531) o panegirista do imperialismo nacional que «se agora cá viesse Ptolomeu, Strabo, Pompónio, Plínio ou Solino com as suas três folhas, a todos meteria em confusão e vergonha, mostrando-lhe que as partes do mundo, que não alcançaram são maiores que as três em que eles o dividiriam» (Ropica Pnefma).*

*E para além do alargamento do horizonte geográfico e científico, Portugal conviveu ainda neste banquete augusto, colaborando no movimento humanista de compreensão da antiguidade, e reeducando a cultura pátria num sentido que permitiu harmonizar o orgulho nacional com o sentimento universalista da República Christiana». (2).*

Realizada a gigantesca proeza dos Descobrimentos, Portugal ficou como que exausto, e não mais correspondeu ao que dele seria lógico e legítimo esperar. Grande rompante nas entradas, muito limitadinho nos séculos seguintes à epopeia. Cai-nos a alma aos pés, ao termos de proferir estas duras palavras, mas como poderíamos deixar de as proferir, sem faltarmos à verdade histórica?

Na época renascentista foi, sobretudo, a Itália que trouxe o passado greco-romano ao de cima — nas artes plásticas, nas belas letras, no espírito humanista —, mas foi Portugal (o exíguo Portugal) que abriu, aos olhos das nações europeias, estupefactas, os futuros horizontes da civilização universalista. Das perspectivas domésticas ou de campanário, a Europa deu o pulo a horizontes aquilinos. Enquanto nós ficávamos a coaxar no nosso rectângulo europeu (3), outros, mais audazes, mais calculistas, saíram da sua domesticidade, para se aproveitarem do mundo que nós, se quisermos empregar uma imagem quixotesca, lhe oferecíamos, de presente, numa bandeja.

Quisemos alimentar-nos da fama e glória altissonantes do pretérito, como se a alguém fosse possível viver de famas e glórias que deixaram de ter a cobertura do trabalho pertinaz, da povoada competência, do entusiasmo de sempre mais e sempre melhor. Trocámos Ideal por idiotia, e sem a pimenta do Ideal motivador de novos feitos, de novas proezas, novos heroísmos, novos horizontes, que povo há aí que possa evitar que lhe apaguem (ou quase apaguem) o nome do mapa? Começamos por atirar pontapés às anatomias traseiras da morte, não nos perguntamos de que cor era o medo, mas logo caímos no leito da preguiça, do *accommodement*, da burocracia, do formalismo, do psitacismo e coisas que tais. Começamos por propagar a fé nos mundos longínquos, e acabamos por perdê-la em nós próprios.

---

(2) Joaquim de Carvalho, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XVI*, vol. I, págs. 6-7, Coimbra, 1948.

(3) «Portugal tem o feito de um caixão. Será bom apenas para nele morrer?» — Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente* 3, passo relativo a 1 de Dezembro de 1981.

E, numa atitude de suicida resignação, passamos a dizer-nos, uns aos outros, «ninguém foge ao seu triste fado!». E, uma vez que não lhe podemos fugir, cantemo-lo... chorando, ou choremo lo, cantando. Fizemos, do espantoso povo que fomos, um «cadáver adiado».

Alguém disse que «tempos houve em que o nosso sopro arrasava a terra. Mas agora? — Eis-nos, como se nada fosse e víssemos já não da convicção de sermos, mas da saudade de alguma vez termos sido» (4).

E a esse triste fado nos resignamos. De resignação é a nossa filosofia. A modorra nós a tomamos às colheres de sopa. Não sofremos, apenas, de preguiça, mas de preguicite aguda! Ainda não chegamos a convencer-nos de que é preciso, inteiramente, refazer, a nossa vida, para ganharmos as dianteiras perdidas.

Somos pequeninos, mas, levados pela peganhenta retórica em que somos ases e... asnos, um tempo houve em que dizíamos, de papo inchado: estamos a caminho de um *Portugal maior*. Tudo balofismo. O que importaria — isso sim — era que nos convencêssemos da nossa pequenez. Sócrates dizia: «só sei que não sei», e foi a partir dessa convicção que ganhou ciência e sageza. Nós deveríamos dizer: «só sabemos que somos pequenos». E é sabendo isto, em profundidade, que poderemos vir a ser grandes.

Vêm, aqui, muito a propósito, as palavras de Antero:

*«...Nunca povo algum absorveu tantos tesouros [refere-se ao século XVI], ficando ao mesmo tempo tão pobre. No meio dessa pobreza e dessa atonia o espírito nacional, desanimado e sem estímulos, devia cair naturalmente num estado de torpor e de indiferença. É o que nos mostra claramente esse salto mental dado pela inteligência dos povos peninsulares, passando da Renascença para os séculos XVII e XVIII. A uma geração de filósofos, de sábios e de artistas criadores sucede a tribo vulgar dos eruditos sem crítica dos académicos, dos limitadores. Saímos de uma excelente sociedade de homens vivos, movendo se ao ar livre, entramos num recinto acanhado e quase sepulcral, com uma atmosfera turva pelo pó dos livros velhos, e habitado por espectros de doutores. A poesia, depois da exaltação estéril, falsa e artificialmente provocada pelo gongorismo, depois da afecta-*

---

(4) Pinharanda Gomes, *Introdução à História da Filosofia Portuguesa*, pág. 11, Braga, 1967.

*ção dos conceitos (que ainda mais revelava a nulidade do pensamento), cai na imitação servil e ininteligente da poesia latina, naquela escola clássica, pesada e fradesca, que é a antítese de toda a inspiração e de todo o sentimento. Um poema compõe-se doutoralmente, como uma dissertação teológica. Traduzir é o ideal: inventar considera-se um perigo e uma inferioridade: uma obra poética é tanto mais perfeita, quanto maior número de versos contiver traduzidos de Horácio, de Ovídio. Florescem a tragédia, a ode pindárica, e o poema herói-cômico, isto é, a afectação e a degradação da poesia. Quanto à verdade humana, ao sentimento popular e nacional, ninguém se preocupava com isso. A invenção e originalidade, nessa época deplorável, concentra-se toda na descrição cinicamente galhofeira das misérias, das intrigas, dos expedientes da vida ordinária» (5).*

Abrimos novos mundos ao Mundo, mas, depois, o Mundo deu-nos com as portas na cara!

E, desse enxovalho, nunca mais nos refizemos. Ficamos a marcar passo no mesmo lugar. Passamos à categoria de saudosistas e de fadistas.

### 3 — Portugal e os Descobrimentos

O Atlântico, aqui à nossa beira, convidava-nos, natural e irresistivelmente, para mareantes.

Os Descobrimentos marítimos foram, por assim dizer, a inevitável consequência do nosso telurismo do litoral. Falharíamos à nossa vocação, se não cedêssemos à sedução da lonjura marítima. O litoral nos transformou numa viva maré humana. O mar nos polarizou para o desconhecido, para o heroísmo, para o aventureirismo. O mar nos centrifugou. A curiosidade nos levou.

Qualquer outro povo com as nossas coordenadas geográficas teria praticado as mesmas proezas. A nossa originalidade esteve em termos navegado cientificamente. Praticamos, ao vivo, o *Discurso do Método*, e daí o nosso êxito espectacular na gesta marítima. Vivemos, *avant la lettre*, o que, só um século depois, Descartes preconizaria.

---

(5) Na *Antologia do Pensamento Português/1*, págs. 186-187. Porto, 1970, Editorial Inova.

Lembremos que Pedro Nunes se situa no século XVI, e Descartes no século XVII.

Atenção às palavras do matemático Pedro Nunes, no seu *Traçado em Defensam da Carta de Marear*:

«Ora manifesto é que estes descobrimentos de costas não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geometria.»

O Português é, por via de regra, inclinado à rotina. Porém, no século dos Descobrimientos, atirou com a rotina às ortigas.

Sol de pouca dura. Mas enquanto durou, marcou, e marcou sem reticências.

Fora desse século singularíssimo, em que demos a hora ao planeta, logo deixamos atrasar o nosso relógio, ao ponto de o Cavaleiro de Oliveira dizer que nada nos entra em casa que não tenha já envelhecido lá fora.

Nos séculos XV e XVI, fomos cais, cais de embarque para a lonjura planetária. Era desta finisterra que voavam as águias para o nunca dantes navegado. Depois, ai de nós!, passamos a ser simples cais de desembarque de estrangeiros.

E será que, entre povos estranhos, sempre que nos demos à aventura, nos mostramos rígidos, intratáveis, insociáveis? Pelo contrário. Fomos a sociabilidade em pessoa. Recebemos a alma alheia, e na alma alheia misturamos a nossa. Fizemos um jogo sem-fronteiras psicológicas. Tempos foram esses, nos quais, em todo o mundo, assimilamos o estranho, e o estranho nos assimilou. O ecumenismo girou-nos, então, nas veias. Depois (ai, depois!) ganhamos perspectivas de *batráquios*.

De facto, um tempo houve em que nos estava no sangue a pompa com que fazíamos parar o trânsito (Clenardo, nas suas famosas cartas a Vaseu, largamente ironizou essa nossa narcisite aguda) e o pezinho nos puxava para a aventura além-mar, cheios de cobiça (*auri sacra fames*) e de curiosidade planetária e humana.

Depois (ai!, depois...) caímos em «apagada e vil tristeza», e ainda não saímos dela. Não nos sabemos governar, ninguém nos sabe governar, e todos procuram «governar-se», dentro da filosofia do «salve-se quem puder!».

Quando é que, a nós próprios, gritaremos o *surge et ambula*?

#### 4 — Colonização

Nós, Portugueses, por via de regra, fizemos uma colonização amorosa, muito tocada de espírito cristão, fortemente impregnada de humanidade. E houve quem supusesse que tanto bastava para que o Portugal de Aquém e o Portugal de Além Mar constituíssem, *ad aeternum*, uma Nação una e indivisível.

Era essa a posição de Afonso Lopes Vieira, que assim se expressou, com poética candura:

*«A colonização portuguesa define-se numa palavra: — criação. Criação da inteligência e do amor, obra de génio próprio.*

*Não fomos contratar, a-fim-de que nos servisse, um serviçal adulto, alheio à nossa afeição, estranho ao nosso viver, mas interessante para o nosso balcão ou o nosso cofre.*

*Foi muito diversa a obra que fizemos.*

*Criámos de piqueno o filho que adoptamos, ensinamos-lhe a nossa língua, demos-lhe o nosso Deus, tornamo-lo igual a nós perante as leis da Nação Portuguesa. Portugal, dando personalidade igual à sua às províncias de além-mar, conferiu-lhes, do mesmo passo, não já a autonomia — recurso de hipocrisia diplomática que traduz, fatalmente, a lembrança do passado humilhante pelo menos, inferior para quem a recebe — mas quanto mais e melhor do que isso — a honra de serem da mesma Pátria, terra de Portugal.*

*Não se chegaria a conceber que alguma vez se pudesse pensar em ser autónomo nas províncias ultramarinas portuguesas, pelas mesmas razões porque se não poderia imaginar o Minho ou Trás-os-Montes constituídos em Estados independentes.*

*É que Portugal criou desde a infância os filhos que adoptou e há cinco séculos são filhos do seu amor»* (9).

Afonso Lopes Vieira estava de facto sonhando ao dar a entender que nunca os nossos antigos territórios ultramarinos alimentariam, algum dia, a ideia-sentimento de que pudessem aspirar à independência política, tão perfeitamente eles (com as suas populações) estavam integrados no Portugal de Aquém-Mar, tão perfeitamente tinham assimilado a nossa língua, aceitado a nossa religião; tão amorosamente tinham recebido os nossos costumes. Dava o Portugal Ultramarino

(9) *Nova Demanda do Graal*, págs. 126-127, Lisboa, 1942.

como assimilado pela Nação que os «civilizou», sendo extravagante que pensassem em reivindicar direitos que já possuíam

Ingenuidade, a do poeta! Pelo seu critério, também os filhos de um casal, por força da sua integral comunhão com os pais que os criaram e educaram, jamais aspirariam a constituir família à parte. Ora não é isso que está na tradição natural das coisas. Os pais quiseram, a seu tempo, viver independentes. Que teremos de estranhar que os filhos também o queiram?

De facto, e a seu tempo, embora ainda não estivessem inteiramente maduros para a independência política, por ela lutaram, de armas na mão, para conseguí-la. E o facto se consumou. As chamadas províncias ultramarinas «viraram» Estados autónomos, e cada um destes está vivendo (ainda que com grandes dificuldades) a sua experiência da autonomia política.

Pelo critério de Afonso Lopes Vieira teríamos ainda hoje um Brasil sem autonomia. Ora, bastaria a independência do Brasil, para que o autor da *Demanda do Graai* se convencesse de que as restantes províncias do Ultramar viriam a seguir-lhe, mais ano, menos ano, a mesma atitude.

Esses movimentos de independência foram uma realidade, quanto às colónias espanholas da América, como o foram uma realidade, quanto à Inglaterra, à França... Porque o não seriam, no respeitante a Portugal?

E assim aconteceu. Prematuramente? *That is another story...*

## 5 — Nação de pobres

Portugal — excepção feita de algumas opulências — é uma «nação de pobres».

É. E desde os Descobrimentos para cá, nunca mais deixou de o ser. E as opulências — as poucas que tivemos — não foram conseguidas por honestos processos: foram-no pela exploração do homem pelo homem. E para todo o sempre será «nação de pobres»: enquanto o perfil do Português for este rosário de negativas:

- a preguiça personificada;
- a filosofia do «não vale a pena»;
- a falta de espírito de iniciativa;

— o «eu bem quisera», «eu bem queria», isto é, a veleidade, que se vai abaixo das pernas com a primeira cornada de grilo, ou o primeiro coice de pardal, em vez da vontade firmemente vertebrada:

— o carácter torcido, que projecta no chão, e na vida, a sombra da vara torta (7);

— a ausência de cultura arejada, a inteligência trocada pelo memorialismo, pela erudição arqueológica, historicista e arquivística;

— o cinismo de que «para o Estado, o menos possível, o pior possível, dele recebendo, porém, o mais possível».

Com este perfil de negativas, seremos sempre uma «nação de pobres», não apenas de pobres, materialmente falando, mas, o que é ainda pior, de... «pobres diabos».

O dilema é este: ou alijamos essa carga pejorativa, ou é como se estivessemos pendurando ao pescoço uma pedra de moinho, numa corrida de natação.

É preciso (urgentemente preciso) sair do dilema pela porta larga de uma grande reforma, reforma de fundo, reforma de mentalidade, sem o que todas as revoluções de trabucada serão letra morta.

A salvação não nos virá, *manu militari*. É essencial (de uma essencialidade irreversível) que ela se faça de *dentro*, com inteligente assimilação do que de progressivo se realiza, em cultura, técnica e seriedade, por esse mundo civilizado além.

Estamos metidos num contexto internacional, não nos podemos dar ao luxo do «orgulhosamente sós».

## 6 — Revoluções em Portugal

Em Portugal, a nosso ingenuidade e estupidez é tanta, que julgamos fazer uma revolução de fundo, de sábado para domingo, com *vivas!* e *morrás!*, com meia dúzia de tiros, com o triunfo de uma força momentânea, olhos postos num messias que resolverá, milagrosamente, problemas, que não se resolveram em séculos de história.

Como é que as revoluções em Portugal (com um povo indolente e tardo, carecido de espírito de iniciativa, de uma incultura maior do que permite a força humana; com jornalistas de carregar pela boca;

---

(7) Herculano, que meio-mundo considera como tendo sido um carácter paradigmático, dizia, numa das suas cartas, falando da sua índole: «índole que alguém supõe forte e enérgica porque neste país, a craveira por onde se medem os caracteres é excessivamente baixa». — (Cartas, t. I, págs. 185, Lisboa s/d).

com escritores de lugares comuns; com sábios puramente livrescos) podem ser tomadas a sério? <sup>(8)</sup>.

As revoluções, em Portugal, têm-se limitado a tapar buracos com buracos ainda maiores, a substituir caos por outros caos, e a praticar uma liberdade mal ortografada — *libardade* —, em vez de liberdade <sup>(8)</sup>.

Tudo tempo e latim perdidos, enquanto não houver reforma de mentalidade. Mentalidade que negue o espírito de credulidade, em favor do espírito crítico; mentalidade que troque o *far niente* pelo gosto de trabalho, que, em vez de reivindicar direitos, reivindique deveres; mentalidade que leve ao poder políticos que governem e sirvam, em vez de *se governarem* e de *se servirem*; mentalidade que dê primado à competência sobre o diletantismo; mentalidade que, nas escolas, forme personalidades *sui generis* e *sui juris*, propensas à criação pessoal, contra a papinha feita, o memorialismo, a cábula, a fraude, o palanfrório.

Temos feito revoluciúnculas de superfície. De casca. No estilo de arreda-te para lá, que me cabe agora a vez de ser eu a sentar-me à mesa do Orçamento; que me cabe, agora, a vez de fazer o menos possível e o pior possível, e chamar a mim o mais possível <sup>(9)</sup>.

Enquanto o povo for apenas poviléu, massa anónima, plebe arremangada, que os demagogos, por força das suas discurseiras, manobrem a seu belo talante, todas as revoluções, na nossa terra, serão revoluções goradas. Revoluções que substituem fracassos por outros fracassos, oligarquias por outras oligarquias <sup>(10)</sup>.

Voltaire, que largamente concorreu para a reforma da mentalidade em França, podia fazer esta profecia, em 1764:

*«Tout ce que je vois jette les semences d'une révolution qui arrivera immanquablement, et dont je n'aurai pas le plaisir d'être témoin. Les Français arrivent tard à tout, mais enfin ils*

---

<sup>(8)</sup> Lope de Vega considerava a liberdade como «el bien mayor de la espaciosa tierra».

E é. Em Portugal, porém, tem sido tão mal interpretada e praticada, que quase nos envergonhamos de lhe citar o nome.

<sup>(9)</sup> Em 25 de Abril de 1981, Vergílio Ferreira anota na sua *Conta-Corrente* 3: «A Revolução faz sete anos. Já anda na instrução primária. Para o ano já deve saber ler. Mas com estes métodos libertários das escolas, se calhar continua analfabeta».

<sup>(10)</sup> As revoluções, em Portugal, têm produzido esta maravilha: a de fazer morrer à fome (ou quase) aqueles que, cultivando a terra, dão o pão da vida aos outros.

*arrivent. La lumière s'est tellement répandue de proche en proche, qu'on éclatera à la occasion; et alors ce sera un beau tapage. Les jeunes sont bien hereux; ils verront de belles choses.»*

Qual o Português que, antes das nossas últimas revoluções, poderia fazer uma profecia como a de Voltaire (1694-1778)? Não foram precedidas por uma reforma de mentalidade igual à que se fez em França, antes da Grande Revolução. E daí o que se tem visto na nossa terra... De nos cair o coração aos pés! (11).

Portugal é terra de parasitas. E, precisamente por ser assim, sempre que aparece alguém que dê provas de iniciativa, de coragem para esfarelar a rotina, de tentativas para distender os músculos, bater as asas, pôr o seu pensamento em *algo de nuevo que mirar*, aqui d'el-rei que nos vêm pôr a ordem de pernas para o ar!

Neste nosso país, tudo os parasitas esperam do Estado, do qual contam receber o mais possível, dando-lhe (em trabalho) o menos e o pior possível.

Somos (ou damos a flagrante impressão de ser) um país (paísinho, ou paíseco) onde todos andam de muletas, como se fôssemos estropiados, ou paráliticos.

Que adianta fazer revoluções em Portugal, se trocamos uma rotina por outra, um parasitismo por outro, esperando que o Estado nos dê muletas renovadas?

Em Portugal, têm-se feito revoluções, por não haver capacidade de fazer reformas de fundo, reformas de mentalidade. O resultado é tudo ficar na mesma. Os revolucionários de escopeta têm... escopeta. O que lhes falta são miolos.

Fazem-se revoluções, onde as reformas são impossíveis. A mediocridade faz revoluções. Só a genialidade faz reformas.

Mas onde os homens geniais, em Portugal, à altura de uma política reformista? Temos tido generais, homens de trabuco e de espada à cinta, capazes de trocar uma política má, por outra, que não é melhor. Não basta.

Temos querido o absurdo de fazer omeletas sem ovos. Sem ovos não se fazem omeletas, e sem miolos, como fazer reformas? Este o problema.

---

(11) Dizia Vítor Hugo que «uma revolução é a larva de uma civilização». É, no caso de vir na sequência duma reforma da mentalidade do povo que a faz.

## 7 — Política

Platão definiu a política como «a arte de criar rebanhos de animais que não são nem aquáticos, nem aéreos, mas terrestres; que não são cornúpetos, mas tem cornos; que não são quadrúpedes, mas bípedes; que não são plumados, mas tem a pele nua. A política é a arte de criar rebanhos de bípedes implumes»<sup>(12)</sup>.

Foi assim que Platão, no *Político*, falou da política.

Não são aquáticos diz o texto platónico, carregado de ironia. Sim. Mas o certo, certinho, é que não falta, no rebanho, todo um mundão de homens que «nadam em águas turvas». Não são aéreos... Cantiga. Há-os aí tão levianos, tão cabeças no ar, que é como se não tivessem os pés fincados na terra. Não são cornúpetos. Mas alguns há que o são, porque marram pela medida grande, e se não formos doutorados em jogos de arena, favinhas contadas que nos põem as tripas ao sol...

Não são quadrúpedes, mas bípedes. Vírgula! Alguns há que são mais do que pedaços de asno — são asnos mais um pedaço. Não são plumados? Vírgula! Alguns são pavões, outros melros de bico amarelo, outros papagaios, outros pardalões, outros... Que são os Narcisos senão bípedes plumados, de penas vistosas, às quais fazem um escandaloso namoro?

A política é, pois, a arte de pastorear toda esta bicharada. E os políticos, que são? Diz-se que são uns espertalhões que *se governam, e se servem*. Há exceções a esta regra? Sim. Mas quase tão raras como as esmeraldas azuis.

Aqueles dos políticos que têm, no seu inconfessado programa, *governar-se*, em vez de governarem, dizem, cinicamente, às paredes, suas confidentes: «Democracia, minhas amigas, é o nome que nós damos ao povo, sempre que dele precisamos para nos *servirmos dele*».

Quem fala de políticos, tem que, necessariamente, falar de *massas*. É com estas — e só com estas — que eles se entendem. É das *massas* acéfalas que eles se aproveitam para treparem ao poleiro, pelo qual morrem de amores. Sabem os políticos (olha quem!) que, com voz tonitruante, gesto largo, fagueiras promessas e muito ódio aos partidos adversos, arrancam, aos seus ouvintes, os mais estrondosos aplausos.

---

<sup>(12)</sup> Orlando Vitorino, *Refutação da Filosofia triunfante*, pág. 124, Lisboa, 1976.

Vergílio Ferreira mora próximo do Campo 1.º de Maio. É num sábado. Estamos em Novembro de 76. É ele que anota na sua *Conta Corrente*:

*«É lá que os dirigentes políticos fazem dos seus adeptos «massas». Os partidos utilizam-no com frequência. Lá está hoje uma multidão a ulular. Do «animal racional» utiliza-se o «animal» e deita-se fora o resto. Ser também «racional» é um privilégio dos dirigentes. Tudo o mais é gado. As pessoas não se apercebem do que há de insultuoso no tratá-las como rebanhos. Mas ser livre é tão incómodo como não haver Deus. Em todo o caso, se se combate o alcoolismo e se combate a droga, devia haver também leis contra a massificação. Campos de futebol, plenários, concentrações, tudo quanto for uma forma de não existirmos devia ser proibido. Mas não existindo é que existem os outros. ou sejam os que têm o cajado ou o chicote. E no fundo o homem vulgar antes quer puxar a uma carroça do que ir em cima a conduzi-la. Lá estão os aldrabões aos berros nos altifalantes. São berros que invadem um homem todo e não deixam esconderijo por saquear. Esvaziados de si, da sua qualidade de homens, estão aptos para serem cheios de qualidades de animais».*

E o escritor pergunta:

*«Como é que com isto se faz a História? Não faz. O que se faz é a casca dela, o coírame. O resto, que é o que perdura, avança obscuramente por debaixo dos arreios e do zurro. Entretanto é o zurrar que eu oiço preencher o espaço todo aqui no bairro. Entretanto a imagem mais acabada do homem é a imagem da besta. A «psicologia das multidões» é simples como haver bois. (Mas de que mundo és tu? Como querias política sem massas politicáveis? Todo o acto histórico, para existir, tem de meter sempre muita gente. Pois. Mas de qualquer modo, rebanho, não. Andar a quatro é estável; mas com as mãos é que se fazem as coisas)» (13).*

Sempre assim foi. Assim é, e será.

Vergílio tinha — acabamos de o ver — a pior das impressões dos políticos portugueses. Noutro passo, e no 2.º volume da *Conta Corrente*, pág. 295, estas palavras ele escreveu:

(13) Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente*, I, págs. 380-381.

«A politiquerada portuguesa é uma gentalha execranda, parlapatona, intriguista, exibicionista, fanfarrona, de um emper-tigamento patarreo — e tocante de candura».

*Aristos* corresponde ao nosso português *ótimo*. *Aristos* tem que ver com *aristocracia*, governo dos *ótimos*. É desta espécie de governo que nós estamos precisados. Enquanto o *demos* não ganhar foros *aristocráticos*, teremos *demagogia*, e com demagogia iremos de mal a pior. Beco sem saída. Quando a democracia é tomada muito ao pé da letra, o perigo está em passar o governo a mãos irresponsáveis, e milagre será que o barco não vá ao fundo. Então se diz que temos o governo do, com, e para o povo. Mais exactamente: então começa a anarquia. Então se prepara o campo para a odiosa ditadura.

Carlos Dickens dizia: «A minha confiança no povo *governante* é infinitesimal, a minha confiança no povo *governado* é infinita».

Governem o povo e governem-no bem. Não deixem que ele governe, porque, por que, de certeza, se governará mal.

Em discurso em Gettysburgo, a 19 de Novembro de 1863, dizia Lincoln: «Que a nação americana, graças a Deus, renasça para a liberdade, que o governo do povo, pelo povo e para o povo não desapareça desta terra!».

Desapareceu. Se é que alguma vez aí existiu. Os Estados Unidos da América são uma democracia *para* o povo — não *pelo* povo.

Política que robotize os cidadãos, exigindo que eles pensem todos pela filosofia do homem que comanda — o ditador — é política a colocar no *Index*. Mas, por outro lado, política em que não se saiba distinguir liberdade com um *e*, de libardade com um *a*, é tão digna do *Index* como a primeira.

A política que merece o nosso beneplácito será tal que não confunda liberdade com anarquia, com deveres cívicos atirados às malvas, com trabalho a meia-haste, com profissionais de meia tigela, com escolas, nas quais a cultura recebida é uma coisa com a qual ou sem a qual se fica tal e qual...

Política da esquerda, política da direita... Não fazemos questão de mãos. Do que fazemos questão é de política demófila. Certinha, se lá chegarmos pela direita. Certinha, se lá chegarmos pela esquerda.

Política, — só uma tem defesa — a que se bate pela promoção da condição humana (14).

A profissão política é uma técnica para a qual não há metodologia, nem propedêutica preparatória — diz-se. Todas as propedêuticas e todas as metodologias serão óptimas, se a nação for governada democraticamente. Este o irreversível teste para aquilatarmos de qualquer política.

Será que a revolução de 25 de Abril afinou por este teste? Torga chamou-lhe «revolução feita de palavras feitas» (15).

Nós, à nossa parte, chamamos-lhe de farelório, palanfrório e cebolório. *Oh quanta species! Cerebrum non habet.*

Não sabemos agora (o leitor sabe?) o motivo por que Apolo castigou Midas, Rei da Frígia, fazendo-lhe crescer duas orelhas de burro. Tire-se o leitor, de seus cuidados, e veja o *Petit Larousse*.

Foi isso na Frígia, lá onde o diabo perdeu o colete. Apolo, se vivesse em Portugal, perdia o seu tempo, se pretendesse fazer crescer orelhas de asno na cabeça de uns quantos dos nossos políticos. Dizemos: perdia o seu tempo (e o seu latim) porque, se o fizesse, praticaria um pleonasma.

Atenção às palavras do poeta José Gomes Ferreira:

*«...Não creio que possamos viver sem o burro, o querido mestre da Resignação de nós todos e supremo inspirador dos altos orneios ambientes. Sem o burro, que seria de nós, Senhores?*

*...quando cheguei ao Terreiro do Paço, percorri a Rua do Ouro, espiolhei as montras das livrarias, folheei os jornais, ouvi os discursos, etc. — respirei com alívio.*

*Afinal nada tinha mudado.*

*Persistia o Signo do Burro (apenas mais disfarçado, talvez).*

*O Tempo continuava a zurrar» (16).*

O poeta era comunista, politicamente falando. Escrevia as palavras que aí ficam, no tempo do «fascismo». Será que depois da revo-

---

(14) «...Mais alta é a missão portuguesa do que tudo quanto pode sugerir a barriga dos Portugueses, nessa pervertida teoria política que toda a chusma de traidores que são os nossos políticos e os nossos jornalistas querem impor a Portugal». (Fernando Pessoa em Joel Serrão, *Fernando Pessoa, cidadão do imaginário*, pág. 145, Lisboa, 1981).

(15) *Diário*, XIII, anotação do dia 25 de Abril de 1978.

(16) José Gomes Ferreira, *O Irreal Quotidiano, Histórias e Invenções*, pág. 109, Lisboa, 1970.

lução dos cravos, os burros desapareceram? Teria havido apenas troca de asnos por outros ainda mais asnos?

### 8 — Não será com sebastianismos que Portugal se cumprirá

Não falta quem diga que o sebastianismo é uma constante psicológica do perfil português, intrometida constantemente na mística do nosso povo e até na nossa própria cultura.

Admitamos que sim. Admitamos que o sebastianismo é, em nós, essa fatalidade. Mas significa isso que não se deva reagir contra essa pecha que põe esperanças onde só deveríamos pôr vontade bem vertebrada, trabalho de conta própria, auto-salvação a nível de inteligência, sem que estivéssemos permanentemente à espera de um messias que nos traga soluções de mão beijada para as nossas crises? Se quisermos viver em glória, se quisermos ser cabeça e nação válida no planeta, é urgente extirpar da psique portuguesa esse pecado de confiar em milagres de fora, quando o necessário (e premente) é confiar em «milagres» de nossa conta e risco, fora dos encostos comprometedores. A nossa cultura e a nossa educação devem dar-se as mãos para arrancar da alma portuguesa esse escalracho, que não nos deixa cumprir o dever social de procurarmos, com estudo e esforço, um lugar de vanguarda.

Neguemos, com energia, com inteligência, com firmeza, todas as bandarrices negativas, todas as profecias que nos desobriguem de sermos gente *sui juris*, senhora de si, e não à mercê de tolas previsões, em que um D. Sebastião fará, por todos, o que a todos compete fazer, para que Portugal não siga na rabeira de todos os povos<sup>(17)</sup>.

É urgente que Portugal se cumpra, porque, realmente, não está cumprido. Não, porém, através de preguiçosas esperanças, mas de atitudes bem viris, aprumadas, cultas, inteligentes, criadoras, prospectivas.

Perdemos o nosso tempo e o nosso latim, dando ressonância a profetas-patetas, que melhor fora irem britar pedra para a beira duma estrada. Império, se houvermos de o formar, que seja sobre nós próprios, cultivando, sem interrupções, o auto-domínio, o auto-senhório,

(17) «...essa anedota de que, perguntado, em Paris, lord Tirawley, embaixador da Inglaterra em Lisboa, o que pensava de Portugal e dos Portugueses, ele retorquira: O que se há-de pensar de um povo a metade da qual está à espera do Messias e a outra metade à espera de um rei chamado Sebastião, que morreu há duzentos anos?» — (Sampaio Bruno, *O Encoberto*, Porto, 1904).

a ditadura da vontade, inteligência e carácter a nível de independência, a nível de *self-government*. Tudo mais é palanfrório, *flatus vocis*, preguiçosa esperança em que nos resolvam crises nacionais, e no-las resolvam, ficando nós na posição de espectadores aparvalhados, quando o nosso imperativo é que as resolvamos com o nosso trabalho, o nosso estudo, a nossa pertinácia, dentro da filosofia sisífica que não nos dispensa de empurrar, ladeira acima, o pedregulho da perfeição, ou da perfectibilidade excelsiorizante.

Em vez de rezarmos orações sebastianistas, para efeito a curto, médio, ou longo prazo, rezemos orações a nós próprios, para que nos curemos de preguiçosas fantasias, de problemáticas míticas e tolas idiotices, segundo as quais tudo nos virá pelo melhor, sem que, na construção desse programa, nós sejamos perdidos e achados, com actividades construtivas. A idade de oiro só será uma realidade portuguesa, se todos os Portugueses, em frente única (e não divididos, não pulverizados, não resmungando uns com os outros), se convencerem de que a vitória da nossa reabilitação, à face do mundo, de nós partirá e em nós culminará. Tudo mais são delírios de má poesia, de falso romantismo, cavalhadas no vago, no aéreo, num messianismo que prima pelo não te rales, e partes adjacentes.

O sebastianismo tem sido, entre nós, mais do que um tema, uma... teima. Uma teima aberrativa, da qual importa que nos curemos, o mais depressa possível, sob pena de naufrágio certo. Certinho. Certíssimo. Coisa como  $2 + 2 = 4$ .

Precisamos não do nevoeiro sebastianista, mas de horizontes límpidos, em que cada qual saiba a tarefa que lhe cumpre realizar, e a realize com inteligência, amor, e insofismável competência.

Perguntava Fernando Pessoa:

*Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?* (18)

«Loucura», sim, também nós a queremos, mas que o seja no sentido *efectivo*, insuprível, de todos, num insustável entusiasmo de nos pormos a trabalhar inteligentemente para que Portugal se cumpra em beleza integral, pão para todas as bocas, trabalho para todos os braços, cultura (não dizemos erudições meramente arqueológicas) para todas as cabeças, vertebralidade para todos os caracteres. O que não

---

(18) *Mensagem*, pág. 36.

for isso, será paisagem lírica, e, até, liró... Será coisa espectral, fantasmal e coisas que tais.

Portugal, este niquinho de povo que hoje somos, fez e aconteceu, raiou pelos milagres, foi como que gerador de mundos, um lavrador que deitou a sua quilha heróica (e científica) a todos os oceanos, onde abriu sulcos indeléveis, foi pioneiro e precursor de uma Europa moderna, mas, depois de ganhar fama, deitou-se a dormir, ou, pelo menos, a dormir e a bocejar. Quando acordou já o sol ia alto em países que lhe passaram infinitamente a dianteira. E ele que resolvera problemas cósmicos de alta envergadura, verificava, entretanto, que nem sequer os domésticos era capaz de resolver. Há séculos que o temos aí a *piétiner sur place*. Andou quase tudo para trás. Nadinha, ou muito pouquinho para a frente. Continua pastor de uma grei cujos problemas (económicos, sociais, culturais) ainda não resolveu. E mal se vislumbra que seja capaz de os resolver. Finge que faz revoluções. De vez em quando, dá uns quantos tiros na rua, abate umas quantas cabeças que se levantam mais salientes, simula que entra em liberdade, mas como nada sabe da ortografia social, escreve liberdade com um *a* — «libardade». Ainda não conseguiu (faz ouvidos de mercador aos que lha recomendam) a única revolução que o poderia salvar — a revolução da mentalidade.

Continua esperando por um Salvador que lhe resolva os problemas *daqui e d'agora*. Em vez de os resolver de conta própria, com trabalho, com estudo, com inteligência crítica, não senhores. Sonha. Confia no aparecimento do tal Salvador que o dispensará de trabalhar, de estudar, de entender, porque tudo ele lhe dará de mão beijada. Miguel de Unamuno assim figurou a sonhadora atitude de Portugal, frente ao mar. Na tradução de Jorge de Sena, aqui fica a atitude:

*Do mar Atlântico na margem pura  
se senta uma matrona desgrenhada  
ao pé da serrania coroada  
de triste pinheiral. Nos joelhos dura*

*os cotovelos pousa, e o rosto na mão,  
e crava ansiosos olhos de leoa  
no sol poente, e o mar em frente entoa  
de maravilhas a fatal canção.*

*Diz-lhe de longes terras e de azares,  
enquanto ela os pés banha nas espumas,  
sonhando absorta o trágico império,  
que se abismou nos tenebrosos mares  
e fita que entre as agoureiras brumas  
se alça D. Sebastião, rei do mistério.*

### 9 — Portugal só se cumprirá, quando...

- Portugal só se cumprirá, quando os Portugueses,
- mostrarem clara inteligência e disciplina no jogo das ideias;
  - revelarem espírito de tolerância, aberto a todas as opiniões, fora de exclusivismos dogmáticos, sempre na atitude crítica de quem separa o trigo do joio;
  - derem primado aos interesses colectivos, contra os suspeitos interesses de partido, e suspeitíssimos interesses pessoais;
  - exercerem a sua profissão a nível de insofismável competência, o escrúpulo de quem é incapaz de impingir gato por lebre <sup>(19)</sup>.
  - renunciarem à venalidade, em lugares que convidam ao suborno activo e ao suborno passivo;
  - não se deixarem amordaçar por quem usa e abusa *disto* (aqui esfregar o indicador contra o polegar...);
  - puserem de parte o sebastianismo, trocando-o pela confiança em si próprios;
  - forem, como políticos, homens de boas contas, relativamente ao Povo a quem governam, não plagiando o sobrinho de Péricles que, vendo o tio com cara de preocupado, por não saber como apresentar contas à Nação, lhe sugeriu: deixe-se de escrúpulos, e pense apenas na maneira de lhas não prestar;
  - deixarem de ser Acácios e pascácios, vacinados contra todas as posições solenidades, primando em ser homens simples, que se contentam com o que são, dispensando o ridículo de se enfeitarem com títulos e medalhas;
  - deixarem de fazer, do faduncho e da saudade, uma obsessão;

---

<sup>(19)</sup> Portugal, quando não é um país de vadios, é um país de amadores. A fé da profissão, isto é, o segredo do triunfo dos povos, é absolutamente alheia ao organismo português, do que resulta esta contínua atmosfera de tédio que transborda de qualquer resignação». — (José de Almeida Negreiros, *Ultimatum futurista às gerações portuguesas do Século XX*, Lisboa, Dezembro de 1917).

- deixarem de ser *patriotaças, patriotarrecas, patriotinheiros, patriotadores*, passando a ser, apenas patriotas, rigidamente patriotas;
- deixarem de ser analfabetos a nível universitário;
- se convencerem de que sabem que não sabem, e que erudição do cita, recita e... trescita, não é cultura arejada, mas coisa miasmática, preguiça mental e arredores;
- renunciarem ao «não vale a pena», ao «deixa correr...»;
- se convencerem de que a cultura universal aproveita à especialidade, como dizia um antigo ministro francês da Educação: *il faut être universel, au profit de la spécialité*;
- se lembrarem de que já foram um dos autores da História Universal, e, hoje, não passam de um povo de modestíssimo nome no *mapa mundi*;
- se persuadirem de que ainda estão a tempo de se poderem reabilitar pelo trabalho, pelo estudo, por uma vontade bem vertebrada, fora de ajudas milagrosas, porquanto o «milagre» a eles cabe fazê-lo, e a mais ninguém<sup>(20)</sup>;
- Se lembrarem de que as revoluções só resultam, quando forem revoluções de mentalidade, e não de trabucada, não de palanfrório comiçieiro, não demagógicas, mas demófilas, com superiores competências a dirigi-las;
- deixarem de ser (na linguagem de Garrett) os homens da «terra clássica da ingratidão, regada pelo Letes do Desmazelo e do Não-se-me-dá...».

Com efeito, se quisermos que Portugal se cumpra, importa:

- começar (e já!) a trabalhar com o máximo de seriedade e o mínimo de desperdício de tempo;
- dar primado à inteligência culta, contra a rançosa erudição;
- afinar as suas atitudes, as suas falas, os seus pensamentos, os seus actos, pelo fio de prumo, jamais projectando no chão a sombra da vara torta;

---

<sup>(20)</sup> «Portugal é muito pequeno. A nossa obrigação, por isso mesmo, é fazê-lo grande pelo nosso esforço, pelo nosso trabalho e pelo nosso valor [...] Portugal nasceu, e existe, e durará, exactamente por ter produzido, na guerra, na fé, no estudo, na ciência, nas artes e nas letras, muitos filhos tão grandes, que mal cabiam e cabem dentro dele». — Agostinho de Campos, *O Pintor Carlos Reis e as modas em pintura*, pág. 8, Lisboa, 1925).

- criar personalidade *sui generis* e *sui juris*, fora de todas as macaqueações, dentro da filosofia do *il faut être soi*;
- atirar com a saudade passadista às ortigas, e trocá-la pela nostalgia de um futuro próximo, em que «as flores já trazem no ventre o sabor dos frutos», como diz o poeta;
- adoptar o espírito crítico, e repudiar o espírito de ingénua (e estúpida) credulidade;
- varrer a sua testada e limpar corpo e alma;
- correr com toda a espécie de falcatruas, trafalhões e partes adjacentes;
- for sincero consigo, para que o seja com toda a gente;
- trazer a tudo (à arte, à ciência, à profissão, à filosofia, à técnica, à escola — do jardim da infância à Universidade —, à oficina, à repartição pública às viagens, aos próprios lazeres) um ar de ortopedia intelectual, moral e social;
- riscar, do seu dicionário, as palavras indecisão, veleidade, adiar, fingir, mentira, suborno e outras que tais e tantas;
- ensinar, fora das pedagogias do «bolo» e do cascudo, da «papinha feita», e do estandardizado;
- praticar a pedagogia do trabalho, contra o saber puramente livresco; a pedagogia da inteligência criadora, contra a memória simplesmente repetidora; e pedagogia da intervenção social, contra o isolamento sistemático;
- pensar, um pensar que não seja sofismar.

Portugal só poderá cumprir-se com políticos de escol, a fina flor dos homens. A democracia pelo povo, nos signos da maioria, da fictícia igualdade, não leva a porto seguro. Leva, sim, ao naufrágio, à anarquia, à mediocridade, nem sequer à horaciana *aurea mediocritas*. O inferior não pode realizar o superior. Democratizar é nivelar por baixo. É descer. É viver na ilusão de que quantidade vale tanto (ou mais) que qualidade.

Portugal está na balança da Europa, e meio-mundo está atento ao que nós pesamos nessa balança. Ora, vêm mesmo aqui ao pintar, as seguintes palavras, de Demóstenes, transcritas por Garrett, no seu livro *Portugal na balança da Europa*:

*«Quando, pois, ó varões atenienses, quando o que vos cumpre fazer? Quando alguma coisa acontecer? Quando a desgraça vier? E do presente estado de coisas qual deve ser vossa opinião?»*

*Eu por mim julgo que para homens livres não há maior desgraça do que a desonra que de seus feitos lhes vem»* <sup>(21)</sup>.

E Garrett comenta:

*«Nem que hoje e por algum ardente orador português fossem escritas estas palavras de Demóstenes seriam mais próprias de nosso estado e calamidade, — da vergonhosa indiferença, em que, por desmoralizados e corruptos, os Portugueses cáiram e não ousam levantar-se.*

Perguntemos nós, enfaticamente: Até quando, ó Portugueses, sereis coniventes na balbúrdia que aí vai?

*«Falta cumprir-se Portugal»* — disse Pessoa. Quando nos disporemos a cumpri-lo, em verdade, em beleza, em humana promoção?

*Cruz Malpique*

---

<sup>(21)</sup> Demóstenes, em Garrett, *Portugal na balança da Europa*, pág. 17, Livros Horizonte, Lisboa, s/d).